



A POÉTICA DA RESISTÊNCIA DE MIRÓ DA MURIBECA

Raul Azevedo de Andrade Ferreira¹

1 INTRODUÇÃO

Como é de conhecimento geral, há alguns anos o Brasil atravessa um período de crise que se manifesta em vários âmbitos da realidade nacional: na economia, nas instituições, na política etc.. O presente trabalho dirige-se a alguns efeitos desta crise na língua e procura pensar uma proposta de resistência política e estética ao autoritarismo que emerge neste contexto. Imbricada no plano ideológico a partir dos discursos que circulam na sociedade, a língua sofre os efeitos da perturbação provocada pela disputa política. Abordando a crise linguística, pretende-se aqui pensar como a arte e a poesia podem se comportar neste momento difícil que o país atravessa.

A campanha eleitoral de 2018 criou uma espécie de *vórtice linguístico* em nossa sociedade. O debate que desenvolvido durante o período eleitoral forçou cada um de nós a assumir uma narrativa, um discurso, a ocupar uma posição diante da crise. Os posicionamentos então disponíveis também podem ser entendidos como um comportamento linguístico, como uma maneira de se relacionar com a língua. As posições que surgiram modificaram nossa relação com os significantes e com algumas estruturas linguísticas. Desta maneira, as linguagens políticas agravaram a divisão de linguagens que marca toda e qualquer sociedade moderna. Sob o pano de fundo da unidade do idioma nacional, há uma divisão social da linguagem que, não obstante não impedir a troca de informações, dificulta a interlocução, freia o dialogismo que constitui a linguagem. Os discursos que se formaram dentro do conflito social estabeleceram barreiras à troca de valores, visões e dizeres. A alternância de monólogos passou a substituir o diálogo e a língua tornou-se um campo de batalha, “um lugar onde a sociedade transforma a diferença em conflito” (BARTHES 2004, p.134), onde forças ideológicas antagônicas disputam significantes e significados. Esta situação coloca a necessidade de se restaurar a

¹ URCA.

língua, de se devolver as coisas às palavras, de trazer paz ao idioma sem fugir dos enfrentamentos que se fazem cada vez mais necessários. Nesta tarefa, a poesia pode ser um instrumento estratégico.

2 O DISCURSO CONSERVADOR E A ASCENÇÃO DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL

Inicialmente, é necessário entender as condições que presidiram o surgimento dos discursos que promovem a guerra de linguagens, pois são nelas que a poética da resistência se elabora. Os discursos políticos da crise são consequência do fim dos arranjos políticos que sustentavam a Nova República. Na política partidária, esta nova conjuntura pode ser observada no declínio dos principais partidos políticos (PT, PSDB, PMDB, PP), no fortalecimento da bancada evangélica e na ascensão de uma nova força partidária de extrema-direita, o Partido Social Liberal (PSL), nos poderes executivo e legislativo.

Este rearranjo das forças políticas é consequência direta de um novo quadro discursivo onde questões morais e religiosas preponderam sobre questões restritas ao domínio político e econômico. A antiga polarização entre uma *direita liberal* e uma *esquerda social* é substituída pela oposição entre um *conservadorismo punitivo e excludente* e um *progressismo compreensivo e inclusivo*, onde o primeiro grupo ganha terreno e coloca o segundo na defensiva, forçando-o a uma readaptação de suas táticas e estratégias (cf. SOLANO, 2017, p.37).

Em seu funcionamento mais elementar, os procedimentos semânticos do discurso conservador trabalham desqualificando grupos de indivíduos identificados como antagonistas e em seguida indicam alguma forma de exclusão ou mesmo de eliminação de seus membros do tecido social. O primeiro procedimento é realizado mediante uma *tradução disfórica* das posições sujeito² produzidas nos discursos com os quais ele antagoniza. Esta tradução interfere na linguagem criando

² Seguimos aqui a linha de raciocínio sugerida por Eni Orlandi (2012, p.228): Num primeiro momento, há a *forma sujeito* histórica referente ao sujeito jurídico dotado de direitos e deveres e resultante da interpelação operada pela ideologia capitalista. Num segundo momento, esta forma sujeito é identificada pelos efeitos de sentido produzidos dentro das formações discursivas atuantes em determinadas condições de produção. Desta maneira, as *posições sujeito* são constituídas na sociedade.

neologismos e termos pejorativos que requalificam as subjetividades situadas no espectro ideológico oposto. Deste modo, o caráter *eufórico* que estas identificações possuem nas formações discursivas de partida³ é invertido em qualificações *disfóricas*. É desse modo que as *feministas* tornam-se *feminazi*; as pessoas alinhadas a ideologias identificadas como “de esquerda” são referidas por termos como *esquerdopatas* ou *petralhas*; os indivíduos em situação de vulnerabilidade econômica são referidos como *marginais* e *vagabundos*; o termo *comunista* passa a ser empregado em tom ofensivo etc.. Os neologismos produzidos dentro deste discurso funcionam ativando uma memória ligada ao domínio da criminalidade, posto que se encaixam com pré-construídos relativos às ideias de *nazista*, *psicopata* e *metralha*⁴.

A criminalização das posições sujeito antagônicas corre grande risco de ganhar efetividade jurídica na medida em que a nova força política dominante sinaliza que levará adiante iniciativas como as que visam prender pessoas ligadas aos movimentos sociais⁵. Ao seguir neste sentido, o discurso do conservadorismo punitivo assume um tom autoritário e torna-se um discurso de ódio. Ele cria um espaço simbólico que torna possível o exercício das mais variadas formas de violência que pretendem silenciar e eliminar seus adversários políticos. Os discursos que circulam na sociedade funcionam como suporte ideológico para as práticas dos indivíduos. Os efeitos do conservadorismo punitivo na *práxis* da vida cotidiana podem ser observados nos vários casos de agressões e assassinatos que começaram a se multiplicar logo após a divulgação dos resultados das eleições do primeiro turno⁶.

³ Utilizo a perspectiva apresentada por Dominique Maingueneau (2008) na qual os discursos são gerados a partir de uma *heterogeneidade constitutiva*, de maneira que “a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com o seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p.36)

⁴ Termo que faz referência aos personagens da Disney, *irmãos metralha* (*The Beagle Boys* em inglês): uma quadrilha de ladrões que tentam sempre sem sucesso roubar a caixa forte do *Tio Patinhas* (*Uncle Scrooge* em inglês).

⁵ O deputado Eduardo Bolsonaro sugere prender 100 mil pessoas. Suas afirmações podem ser conferidas na seguinte entrevista: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/politica/2018/11/eduardo-bolsonaro--se-for-necessario-prender-100-mil-qual-o-problema-1014155723.html>

⁶ Ao que tudo indica, a confirmação do favoritismo do então candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro e da renovação conservadora da câmara dos deputados fortaleceram o discurso do *conservadorismo punitivo* e vários casos de agressão foram constatados logo após a divulgação dos

O discurso da extrema-direita dirige-se agressivamente a vários grupos de indivíduos identificados em determinadas posições sujeito. Um primeiro caso de grupo afetado são os pobres. Vinculado a bandeiras neoliberais e sustentado pela noção de *meritocracia*, o conservadorismo punitivo culpabiliza o pobre por sua pobreza, associando-a a uma suposta indolência, incapacidade de produzir e de acumular recursos, de se qualificar e se integrar ao mercado de trabalho⁷. Neste âmbito, o termo *vagabundo* funciona como um índice para identificar os indivíduos que seriam descartáveis em função de um critério econômico. O conservadorismo também dirige-se de maneira muito assertiva aos indivíduos identificados como criminosos advogando um maior endurecimento das leis que visam puni-los. É neste contexto que também se defende o armamento da população como medida de combate à violência. Os significantes centrais neste ponto são *marginal* e *cidadão de bem*, dispostos em posições simetricamente opostas. É comum, dentro desta formação discursiva, o emprego casado dos termos *marginal* e *vagabundo*, completando o processo de criminalização da pobreza e reforçando o critério econômico com um crivo que remete a uma conotação jurídica. Considerando que os crimes a que o conservadorismo se dirige são os que costumam ser cometidos por pessoas situadas em uma situação de vulnerabilidade social, como é o caso daqueles que atuam na ponta final da cadeia do comércio de drogas, e que a população negra é a principal afetada pelas desigualdades e concentração de renda, a criminalização da pobreza assume um aspecto racista que também deve ser ressaltado⁸.

resultados do primeiro turno das eleições. Sobre tais casos: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/11/politica/1539282750_803269.html

⁷ Um episódio conhecido ocorre quando o então deputado Jair Bolsonaro, durante uma palestra realizada no dia três de abril de 2017 para a comunidade judaica, diz que os quilombolas “Não fazem nada” e que não serviriam “nem para procriador”. Mais adiante, ele afirma: “Se eu chegar lá [na presidência], não vai ter dinheiro para ONG. Esses *vagabundos vão ter que trabalhar*. Pode ter certeza que se eu chegar lá, no que depender de mim, *todo mundo terá arma de fogo em casa*, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola” (grifos nossos). As declarações podem ser conferidas em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>

⁸ No mesmo episódio relatado na nota anterior, Jair Bolsonaro afirma que a pobreza estaria relacionada a alguma espécie de determinismo racial: “Alguém já viu um japonês pedindo esmola por aí? Não, porque é uma *raça que tem vergonha na cara*. Não é igual a essa raça que tá aí embaixo, ou como uma minoria que tá *ruminando aqui do lado*” (grifos nossos). Algo dentro da mesma lógica é enunciado no dia seis de agosto de 2018 pelo general da reserva Hamilton Mourão, então candidato à vice-presidente na chapa do PSL, num evento promovido pela Câmara de Indústria e Comércio da cidade de São Paulo. Ele afirma que “temos uma herança da indolência, que vem da cultura indígena. Eu sou indígena, meu pai é amazonense. E a malandragem. Nada contra, mas a malandragem é

Outros grupos de indivíduos perseguidos são aqueles formados por pessoas ligadas aos movimentos sociais e às “bandeiras da esquerda”, por feministas e pela comunidade LGBTI⁹. Apesar de não reconhecerem o componente homofóbico e misógino de seu discurso, os conservadores, em grande parte devido aos fundamentos religiosos de seu discurso, ao evocarem a noção de *família tradicional*, pretendem, por exemplo, limitar os direitos das minorias sexuais, preservar o entendimento do aborto como crime independentemente das circunstâncias da gestação e reforçar a ideia de que a função social da mulher restringe-se ao ambiente doméstico e ao cuidados dos filhos¹⁰.

Além de criminalizar, o discurso conservador-punitivo também atua desumanizando os indivíduos alinhados às posições sujeito antagonizadas. Uma das formas disto ocorrer é mediante procedimentos zoomórficos. Ele pode ser verificado nos enunciados já mencionados, mas outros episódios também podem servir de exemplo. Jair Bolsonaro empregou termos como “procriar” e “ruminar” para se referir aos quilombolas e militantes progressistas. Em ato intitulado “Marcha da Família com Bolsonaro”, ocorrido no dia 23 de setembro de 2018, militantes de extrema-direita entoavam músicas que comparavam feministas a cadelas¹¹. Sobre o casamento entre pessoas de mesmo sexo, o deputado Takayama associa a homoafetividade a uma suposta “teoria marxista” e à zoofilia¹². No dia quatorze de

oriunda do africano. Então, esse é o nosso cadinho cultural”. A fala do general pode ser conferida em: <https://exame.abril.com.br/brasil/general-mourao-liga-indio-a-indolencia-e-negro-a-malandragem/>

⁹ Sigla de *lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais e intersexuais*.

¹⁰ O deputado/pastor Hidekazu Takayama, apoiador de Bolsonaro e líder da chamada “bancada evangélica” da câmara dos deputados, em entrevista concedida ao site *Huffpost Brasil* no dia dezesseis de Junho de 2017, defende a criminalização da homofobia e diz amar o homossexual, mas também associa a homoafetividade ao pecado e a uma “doutrina marxista”. Aqui, a criminalização e a desumanização se dão quando ele sugere que a ampliação dos direitos das minorias sexuais poderia induzir a população à pedofilia e à zoofilia. Sobre os papéis sociais de homens e mulheres, ele defende a “divisão de atividades”, cabendo ao homem as atividades bélicas e à mulher as atividades domésticas relacionadas ao cuidado dos filhos. Segundo sua fala, Deus não teria feito o homem para atividades domésticas, e ir contra esta disposição resultaria na criação de “homens maricas”. A entrevista pode ser conferida em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/06/16/homem-nao-foi-feito-para-atividades-de-casa-diz-presidente-da_a_22140743/

¹¹ Um trecho da música continha os seguintes versos: “Dou para CUT pão com mortadela e para as feministas, ração na tigela. As mina de direita são as top mais belas enquanto as de esquerda têm mais pelos que as cadelas.” Reportagem sobre o evento pode ser conferida em: <https://www.revistaforum.com.br/ato-pro-bolsonaro-em-recife-tem-musica-que-compara-feministas-a-cadelas/>

¹² Em entrevista concedida à *Huffpost Brasil*, ele afirma: “Porque senão amanhã – estou exagerando – o camarada gosta de uma vaca, vai virar avacalhação? Eu gosto de uma vaca então vou casar com

outubro de 2018, Olavo de Carvalho, apontado como um dos principais ideólogos da *nova extrema-direita* brasileira, posta em seu perfil do *Facebook* dizeres que também associam o sexo com animais a posicionamentos considerados “de esquerda” e a políticos identificados a este espectro ideológico. Diz ele que “como cultor do sexo com as cabritas, o Lula foi sem dúvida um precursor da ‘sociedade erótica’ desejada pelo Haddad. Ele só não foi perfeito porque se limitou ao sexo feminino, discriminando os bodes homossexuais” (CARVALHO, 2018).

A promoção da exclusão mediante representações zoomórficas não é novidade na cultura Brasileira. Os discursos que acompanham a ascensão da extrema direita no Brasil fazem paralelo com aqueles que emergiram durante a crise do II Império e o período de consolidação da chamada República Velha. Inicialmente empenhados na contestação da ordem oligárquica da tradição imperial, os movimentos liberais surgidos a partir da década de 1870 e reunidos sob as bandeiras da República e da Abolição dos Escravos acabaram remodelados pelos valores conservadores e oligárquicos incrustados na tradição nacional (cf. NAPOLITANO 2016, p.17). Assim, ao mesmo tempo em que os progressistas da época promoviam uma “abertura das oportunidades políticas” (ALONSO 2002, p.87) para determinados setores da população brasileira – aqueles ligados ao funcionalismo público e às profissões liberais – estabeleciam também, mediante o cientificismo importado da Europa, obstáculos à universalização da cidadania. Caso emblemático é o dos escravos libertos pela Lei Áurea: ao mesmo tempo em que se liberava o negro do cativo, as elites intelectuais davam ares de cientificidade aos preconceitos arraigados na sociedade brasileira. A literatura surgida no período, presente em autores como Aluizio de Azevedo, Adolfo Caminha, Júlio Ribeiro, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e outros, produziu representações desumanizadoras não somente dos negros, mas também de todas as formas de subjetividade que não estariam alinhadas aos valores do conservadorismo nacional. Deste modo, negros, mestiços, nordestinos, trabalhadores do campo, homossexuais e mulheres eram representados como degenerados, loucos, histéricos, indolentes e criminosos. Ao mesmo tempo em que aquela geração postulava ideais de modernidade e

uma vaca?” A entrevista pode ser conferida em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/06/16/homem-nao-foi-feito-para-atividades-de-casa-diz-presidente-da_a_22140743/

progresso, determinados setores da sociedade eram inferiorizados e culpabilizados pelo atraso do país.

Estes processos simbólicos criminalizadores e desumanizadores de parcela da sociedade brasileira instaurou uma cultura de extermínio na tradição nacional. Esta cultura ressurgiu com força na medida em que o discurso da extrema-direita passa a exercer hegemonia no interdiscurso¹³. Os valores que alimentam esse pensamento retrógrado e cruel persistem no imaginário nacional. Neste sentido, são sintomáticas as declarações do general Hamilton Mourão quando ainda candidato à vice-presidência da República. Sua referência a uma suposta indolência dos índios é um enunciado que pode ser encontrado na *História da Província de Santa Cruz*, texto publicado por Pêro de Magalhães Gândavo em 1576¹⁴. O racismo cientificista do século XIX também parece persistir na maneira como o general encara o mundo. No dia seis de outubro de 2018, ao ser abordado por jornalistas no aeroporto de Brasília, ele afirma: “meu neto é um cara bonito. Branqueamento da raça”¹⁵.

Nas falas emitidas ao longo da carreira política de Jair Bolsonaro, são recorrentes as falas ligadas à ideia de eliminação de adversários¹⁶. Seus apoiadores também

¹³ Uma das modalidades dessa cultura de extermínio pode ser verificada na teoria do branqueamento surgida nas décadas finais do século XIX. Sílvio Romero (2001), um dos principais intelectuais do período, falava em *extermínio direto*, que se dava pelas armas, e o *extermínio indireto*, mediante a mistura racial. As políticas de imigração e episódios como os de *Canudos*, na Bahia, *Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*, em Juazeiro do Norte, no Ceará, e *A Guerra do Contestado*, ocorrida no Paraná e em Santa Catarina, indicam que o Estado brasileiro procurou esmerar-se em ambas as modalidades de eliminação de parte da população nacional.

¹⁴ Afirma Gândavo sobre os índios (1576, p.33): “vivem todos muito descansados sem terem outros pensamentos senão de comer, beber e matar gente, por isso engordam muito”.

¹⁵ A declaração pode ser conferida em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/06/mourao-cita-branqueamento-da-raca-ao-falar-que-seu-neto-e-bonito.htm>

¹⁶ São de conhecimento público suas declarações favoráveis à tortura. No ano de 1999, em entrevista ao programa *Câmera Aberta*, o então deputado fala em iniciar uma guerra civil a fim de executar o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso junto com outras trinta mil pessoas. Link da entrevista: <https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw9QKlvw>. Durante ato de campanha ocorrido no Acre no dia três de setembro de 2018, Bolsonaro fala em “fuzilar a petralhada”. A declaração pode ser conferida em: <https://www.youtube.com/watch?v=AB05-8kUuj8>. No dia 21 de outubro, no final de semana que antecede a votação de segundo turno, num discurso transmitido para seus apoiadores reunidos na Avenida Paulista em São Paulo, Bolsonaro afirma que irá “varrer do mapa os bandidos vermelhos do Brasil. Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia”. As afirmações podem ser conferidas em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/actualidad/1540162319_752998.html

costumam emitir dizeres alinhados¹⁷. Neste contexto, é também relevante a declaração do historiador estadunidense David Duke, um dos principais representantes do grupo supremacista branco Ku Klux Klan, quando ele afirma que Bolsonaro “soa como nós”¹⁸.

Em alguns dos materiais publicitários surgidos durante campanha, como uma série em *cartoon* chamada *Zumbis em Brasília*¹⁹ e um *game*, *Bolsomito 2k18*²⁰, a cultura do extermínio também aparece representada. No *game*, o jogador controla a personagem Bolsonaro, que segue até Brasília batendo e executando feministas, ativistas de movimentos sociais e adversários políticos. Na série *cartoon*, os zumbis claramente aparecem como representações desumanizadas dos setores populares e dos militantes de esquerda. Os monstros podem ser entendidos como uma metáfora para os termos *marginal* e *vagabundo* que conferem substância ao discurso do conservadorismo punitivo. O chamado “apocalipse zumbi” é colocado como uma questão polêmica dentro do enredo. Enquanto os adversários políticos da extrema direita são ridicularizados por demonstrarem empatia pelos zumbis, as personagens Bolsonaro e General Mourão os executam com tiros de fuzil.

O funcionamento da rede parafrástica do discurso conservador deixa bastante claro que ele se constitui a partir de uma relação dialógica com o discurso progressista²¹. Este último defende a necessidade da inclusão das minorias na cidadania e entende a criminalidade como um problema de ordem social e não como uma questão restrita às individualidades dos criminosos. Provocado pela onda reacionária surgida

¹⁷ Em um post publicado em seu perfil de Facebook, Olavo de Carvalho afirma que os adversários de Bolsonaro não estariam apenas disputando as eleições, eles estariam lutando por sua sobrevivência. Ele gravou um vídeo no qual ele lê e comenta suas declarações: <https://www.youtube.com/watch?v=ui882brdUil>.

¹⁸ A declaração pode ser conferida em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/ele-soa-como-nos-ex-lider-da-ku-klux-klan-elogia-bolsonaro-mas-critica-proximidade-com-israel,abbbd712aab704bdb1d5461c491529ec8p1ypmd7.html>

¹⁹ Os vídeos podem ser acessados em: <https://www.youtube.com/user/andreluisguedes>

²⁰ A descrição e *trailer* do jogo podem ser conferidos em https://store.steampowered.com/app/930460/BOLSOMITO_2K18/

²¹ Seguimos aqui as orientações de Dominique Maingueneau quando ele afirma que “a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p.35), e que este Outro aparece para o discurso primeiro como “a zona do interdito, isto é, do dizível faltoso” (MAINGUENEAU, 2008, p.37)

ao longo da crise política, o conservadorismo punitivo apresenta-se como a posição capaz de combater a ideologia progressista. Situados no mesmo *espaço discursivo* onde se desenvolve a disputa política, o discurso da extrema-direita trabalha operando inversões e disjunções dos termos presentes no discurso antagonizado. Deste modo, a fim de justificar a eliminação de setores da população, ele precisa antes desumanizar as formas-sujeito contra as quais ele se levanta e, em seguida, ridicularizar a atitude empática que é dirigida a estes setores pelos enunciadores do progressismo inclusivo.

No discurso da extrema-direita, é curioso e preocupante o emprego do humor. Na descrição do *game Bolsomito 2K18*, afirma-se: “muita porrada e boas risadas”. A ideia de *piada*, de *brincadeira*, também aparece em muitas tentativas de relativizar as afirmações cruéis e violentas. A aparência de *humor* mascara a violência simbólica que tais dizeres perpetuam e assim facilita o seu consumo e a interpelação dos indivíduos nas posições sujeito elaboradas por este discurso. Desta maneira, o discurso do conservadorismo-punitivo assume um tom grotesco, *ubuesco*, termo empregado por Foucault para se referir ao exercício autoritário e pueril do poder. *Ubuesco* é um discurso que mata e faz rir ao mesmo tempo (cf. FOUCAULT, 2010, p.7). Ele configura-se como “um dos procedimentos essenciais à soberania arbitrária. É, pois, um discurso do medo e um discurso da moralização, é um discurso infantil” (FOUCAULT, 2010, p.31).

3 A POÉTICA DA RESISTÊNCIA DE MIRÓ DA MURIBECA

Numa conjuntura onde o ambiente bélico da linguagem é intensificado, o dano causado à língua pode ser observado no esvaziamento de seus significantes. Ainda que assumamos como pressuposto elementar a ideia de que os sentidos das palavras nunca existam “em si mesmo”, que elas, as palavras, “mudam de sentido segundo as posições sustentada por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX 2009, p.146), deve ser reconhecido que a entrada de um discurso autoritário no interdiscurso de uma sociedade modifica sensivelmente a dinâmica das relações interdiscursivas. O que agora se constata não é apenas uma oscilação semântica – fenômeno natural e até saudável ao funcionamento de um idioma – mas uma intensificação de táticas de silenciamento que visam justamente estabilizar os

significados numa única matriz de sentido. Sequestrados, os significantes perdem sentidos até então construídos dentro de certo consenso social e, deste modo, deixam de servir à interlocução entre aqueles que buscam *redicionarizar* a língua e aqueles que agora são forçados a resistirem ao silenciamento. Atribuir qualidades opostas a um termo como, por exemplo, *nazismo*, inviabiliza o seu emprego no diálogo, dificultando o dialogismo e, desta forma, produzindo um *travamento* da linguagem²². Em meio à crise, os termos que compõem a língua e que correspondem a noções elementares da vida civilizada e do debate político – *democracia, justiça, verdade, esquerda/direita, marxismo, feminismo, família, ditadura, nazismo, cidadão, etc.* – são atacados e esvaziados. Instrumentalizados pela disputa político-ideológica, os signos restam fechados nas redes parafrásticas das diferentes formações discursivas.

Tendo em mente que a questão semântica não se limita à dimensão da linguagem, i.e.: que a “questão da *constituição do sentido* se junta à da *constituição do sujeito*” (PÊCHEUX 2009, p.140, grifos do autor), de maneira que o quadro semântico de um idioma em dadas condições de produção está intimamente ligado à gestão da visibilidade das subjetividades atuantes em dada sociedade, pode-se concluir que os ataques realizados à língua são efeitos dos ataques aos indivíduos e à própria noção de humanidade. Pode-se afirmar, então, que a cultura de extermínio propagada pelo conservadorismo punitivo encontra-se diretamente ligada ao processo de travamento do dialogismo.

Inviabilizando a interlocução, o conservadorismo-punitivo silencia e invisibiliza o outro: é um discurso autoritário. Pregando a eliminação de seus adversários políticos e da camada economicamente vulnerável da população, ele promove a inconexão, o divórcio entre indivíduos: é um discurso de ódio. Ortega Y Gasset, pensador espanhol que viveu durante a Guerra Civil Espanhola e assistiu a ascensão da

²² Outros exemplos deste mesmo efeito de sentido podem ser verificados nas associações de termos com conotação política negativa, como o *fascismo*, o *nazismo*, *ditadura militar* e *Klu Klux Klan* à noção de “esquerda”. A situação chamou a atenção da *Embaixada da Alemanha* em Brasília, que chegou a publicar um vídeo no *Facebook* que pretendia explicar aos brasileiros o que era o nazismo. Revoltados, militantes da extrema-direita recusaram-se a aceitar as explicações fornecidas pela embaixada. Esta recusa pode ser entendida como um dos sintomas disto que chamamos aqui de “travamento da linguagem”. A polêmica pode ser acompanhada num artigo de Mariana Rossi e Regiane Oliveira para o site do jornal *El País*: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html

ditadura de Francisco Franco, alerta sobre os efeitos destrutivos do ódio: "O ódio é um afeto que conduz à aniquilação dos valores. Quando odiamos algo, colocamos entre nossa intimidade e o objeto uma impiedosa cortina de aço que impede a fusão, mesmo transitória, da coisa com o nosso espírito." (ORTEGA Y GASSET 1967, p.37). O ódio estabelece um bloqueio da sensibilidade e da cognição. O discurso da extrema direita rasga o tecido social na medida em que produz incompreensão.

Porém, ainda que um alto grau de bloqueio do dialogismo possa ser atingido, a exemplo do que acontece em sociedades organizadas por regimes autoritários como a Coreia do Norte, a anulação desta propriedade da linguagem é uma tarefa impossível de ser atingida completamente. Se, como afirma Maingueneau (2008), os discursos dinamizam-se dialogicamente, então o discurso autoritário necessariamente provoca um discurso da resistência, e o *outro* do discurso do ódio não pode ser senão um discurso do amor. Segundo Eni Orlandi (2012), a resistência é provocada pelo funcionamento segregador da sociedade capitalista. Considerando que o discurso da atual extrema direita vem acompanhado de um forte apelo neoliberal, é possível supor que o autoritarismo é buscado pelas forças capitalistas como uma forma de livrar-se das mediações democráticas e assim impor sua agenda mediante o emprego da força. Para isso, promovem a segregação de seus opositores e da parcela do exército de reserva que o momento de reajuste econômico torna descartável. Os sujeitos incompreendidos e desumanizados, no entanto, não permanecem inertes, não são passivos. A própria incompreensão produzida torna-se motor para novos movimentos semânticos, para eventos discursivos que surgem a cada instante e que geram sentidos dentro da zona do indizível do discurso autoritário. São nesses movimentos que a noção de resistência deve ser pensada (cf. ORLANDI, 2012, p.225).

A resistência deve promover espaços para que façam circular os sentidos que explodem na "zona morta" do discurso conservador. Deve fazer com que esses sentidos produzam impacto social e revertam a incompreensão fabricada. Para isto, é importante e necessária a mobilização das linguagens estéticas tal como manipuladas pelas subjetividades que se encontram mais diretamente ameaçadas pelo conservadorismo neofascista. A arte é o discurso do sensível. Ela mostra mais do que diz. Ela sensibiliza mais do que explica. É por elas que os sujeitos e os

dizeres que são silenciados ganham voz, aparência e significação plena. Dentre as linguagens estéticas, a poesia pode ser entendida como um instrumento ideológico altamente eficaz. A poesia opera recombinações de termos significantes de modo a produzir efeitos de sentido inusitados, não previstos pelas articulações entre enunciados elaboradas nas formações discursivas polarizadoras da disputa política. Por conta disso, a utilização estética da linguagem pode ser a prática desarticuladora dos sentidos cristalizados que travam a linguagem; é por meio dela (e de outras linguagens estéticas) que a roda da linguagem pode voltar a girar.

Linguagem dotada de grande porosidade em relação ao domínio ideológico e à realidade social, a poesia tradicionalmente foi empregada no exercício da resistência. A pressão exercida pelo autoritarismo costuma provocar as mais variadas manifestações poéticas. Se, por um lado, os exemplos fornecidos pelos romances cientificistas do século XIX, bem como pelos *cartoon* e *game* surgidos durante a campanha política indicam que a arte pode ter uma influência perniciosa quando não é orientada eticamente, por outro é também possível encontrar as devidas formas de beleza capazes de deslegitimar o *ubuesco* neofascista. Para tal, a poesia deve converter em representação sensível a *compreensibilidade* que falta às linguagens políticas que ganham força neste momento de escalada do autoritarismo. Um exemplo valioso neste sentido é o trabalho do poeta recifense Miró da Muribeca. Uma leitura de suas composições pode contribuir para a reflexão acerca do sentido que a resistência poética pode assumir neste contexto de crise.

Miró, nascido João Flávio Cordeiro da Silva, mas conhecido como Miró, ou Miró da Muribeca, em referência ao bairro periférico onde o poeta cresceu e ao jogador do Santa Cruz Futebol Clube, Mirobaldo, com quem o poeta se assemelhava quando jogava futebol em campos de subúrbio, nasceu em 1962 e desde 1985 publica livros de poesia por editoras independentes. Circulando e promovendo recitais e saraus em mercados, bares e feiras públicas do Recife, tornou-se um dos principais representantes da chamada *poesia marginal*: uma corrente poética popular-urbana que expressa os dramas da vida na cidade vivenciados pela população mais carente.

Sua carreira poética já é suficiente para consolidar seu reconhecimento como um grande artista. Miró participou de eventos literários importantes, onde teve oportunidade de recitar suas composições para outros artistas e intelectuais, como Antonio Candido, Adélia Prado, Augusto de Campos e Ignácio Loyola Brandão. Foi o homenageado da 16ª edição do *Festival Recifense A Letra e a Voz*, em 2018. A sua obra foi coligida no volume *Miró até agora*, organizado por Wellington de Melo e publicado pela CEPE editora. Miró também impactou o cinema, sendo a principal influência para o filme *A febre do rato* (2011), de Cláudio Assis. Ele também influenciou as artes plásticas, seus poemas foram adaptados em versão HQ pelos ilustradores Ayodê França, Christiano Mascaro, Raoni Assis e Shiko no volume *João Flávio Cordeiro da Silva: Tô Miró*.

Miró rejeita o rótulo de *poeta marginal*, prefere se pensar como um cronista urbano. Em seus poemas-crônicas, aparece as pessoas que sofrem as agruras da vida nas cidades de um país marcado pela desigualdade. Reativa, a poesia de Miró eclode do impacto causado pelo drama social. Ela enxerga e faz ver as realidades que são jogadas no campo do invisível. Em entrevista concedida ao programa *Nordeste Mais*, da *TV Jornal de Pernambuco*²³, o artista assim define a sua poesia: “Eu me apresento como um cronista urbano. Eu costumo dizer que minha poesia entende o gari, entende o engenheiro, entende o médico, entende a prostituta, entende o motorista de ônibus, porque minha crônica é urbana, é o que tá ai, é o que você tá vendo, mas não escreve porque não tem o exercício e não tem tempo, porque trabalha”. Esta definição já indica o caráter *compreensivo*, *empático* de sua poesia. As imagens que ela produz constroem um *olhar compreensivo* sobre as coisas, uma *representação empática* das realidades humanas espalhadas e esquecidas pela cidade. Na sua declaração, atentemos ao emprego do verbo entender. Ele não diz que é o outro que entende a sua poesia, mas sim que é a sua poesia que entende o outro.

É possível interpretar a poesia de Miró a partir da ideia de *compreensibilidade* e, por meio dela, associar sua poética à noção de resistência. Realizo agora um gesto de leitura em três movimentos que compõem a busca por compreensão por parte do

²³ A entrevista pode ser conferida em: <https://www.youtube.com/watch?v=jKJM1PsHBW0>

poeta. Cada um deles assinala um momento de uma procura que culmina na reintegração das coisas que são separadas ao longo da crise social. Os diferentes momentos ocorrem dentro de uma sequência: *questionamento* – *contemplação* – *integração*. Ao fim, aquilo que permanecia invisível ganha luz; o que restava incompreendido adquire sentido; o que estava rasgado é recosturado no tecido social e reintegrado à condição humana.

Num primeiro momento, encontramos o poeta numa atitude contemplativa e questionadora. Ele atravessa os objetos, as pessoas, e em seguida percebe que os sentidos para as coisas não estão dados. O poeta então questiona, persegue os sentidos que faltam, mas nada é respondido e o silêncio provoca a dor que constitui a matéria prima de seu lirismo.

Janela de ônibus²⁴

Janela de ônibus
É danado pra botar a gente pra pensar
Ainda mais quando a viagem é longa.

Uma casinha branca lá no alto da montanha,
E eu perguntando,
Quem mora lá?
Quem mora lá?

Um homem na BR olhando pro nada,
Uma mulher com um saco de capim na cabeça,
E o sol estralando nas suas costas,
E os políticos dando as costas.

Janela de ônibus,
Janela de ônibus,
É danado pra botar a gente pra pensar,
Ainda mais quando a viagem é longa.

Janela de ônibus é uma composição emblemática da poética de Miró, de uma poesia que se constrói pelo olhar que atravessa a cidade e as realidades humanas numa condução popular. Não temos aqui o olhar condoreiro de um Castro Alves, que vê de cima e à distância, mas um olhar que vê mais porque percorre os meandros das diversas realidades humanas. Neste momento, a tragédia social surge nos sentidos que o poeta não consegue alcançar, nos silêncios que

²⁴ Devido ao caráter performático de sua poesia, brilhantemente estudado por André Telles do Rosário (2007), a poesia de Miró é, de certa forma, ilegível. É necessário ver o poeta em ação realizando seus poemas com seu corpo. Por conta disso, cito seus poemas a partir de vídeos seus disponíveis no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=0X7gCgiud94&t=2s>

constituem as únicas respostas possíveis para as perguntas repetidas dramaticamente: “Quem mora lá?”. Quem mora na distância? Para onde o homem olha se não há nada diante dele? Por que a mulher precisa carregar um saco de capim debaixo do sol? Como, diante de tudo, os gestores públicos podem ser indiferentes? Não há resposta verossímil, e o absurdo é a flecha que rasga o coração do poeta.

O segundo momento é marcado pela chegada do poeta à zona do silêncio. Mais uma vez ele consegue enxergar o que foi velado, consegue sentir os indivíduos desumanizados pela lógica reificadora.

Elza caga na rua²⁵

Elza gaga na rua
No largo de Santa Cecília
Não limpa a bunda
Nem por isso morreu ainda.

Elza caga na rua,
No largo de Santa Cecília,
Não limpa a bunda,
Nem por isso morreu ainda.

A guarda metropolitana
Não ousa prendê-la.
Não há nada no código penal que diga
Que cagar na via pública é crime,
E se tivesse,
Elza cagaria do mesmo jeito.

Dizem que Elza não tem juízo.
Os sem-juízo são imunes
Perante Deus e a polícia.

E nem sequer sabem
Da existência
De papel higiênico.

Elza pode ser entendida como alguém que morava nas distâncias aludidas pelo poema anterior. Neste, o poeta parece ter descido do ônibus e ido ao encontro de um daqueles que foram esquecidos pelos políticos e pelas demais pessoas. Ele encontra uma mulher situada nas margens da sociedade, mas ele recusa-se a entendê-la como alguém descartável, executável. A situação da personagem observada e as palavras prosaicas empregadas para referir-se à sua situação, *cagar, bunda, papel higiênico...*, poderiam a princípio dar a entender que ele

²⁵ https://www.youtube.com/watch?v=_dl2DQE9Eb4

pretende provocar o riso, mas é justamente o contrário o que acontece. O ubuesco largaria Elza na zona do risível, de um riso que rebaixa, humilha e desumaniza. O poeta, no entanto, não ri, ao contrário. Ele chora e se desespera, pois conseguiu ver o outro e sentir empatia. Ele se compadece de seu drama. Sua voz é de indignação. Seu semblante é de desespero. No gestual do poema, o poeta parece se esforçar para reunir forças necessárias à enunciação de uma realidade cruel. O poeta compreende quem é Elza e a apresenta como alguém necessário ao corpo da sociedade, alguém cuja dor deve ser compadecida. Assistir o seu desespero provoca nossa sensibilidade e abre nossa consciência para a vida dos indivíduos subalternizados.

No terceiro momento, o da *integração*, o poeta consegue não apenas enxergar o aquilo que resta invisível dentro de uma normalidade burguesa, mas também perceber e representar a unidade das coisas, não obstante elas aparecerem enquanto separadas. Agora, o poeta consegue superar as divisões criadas pelos conflitos sociais e apresentar uma realidade permeada por conexões:

O amor,
Passou na tarde,
Com a mão direita sobre o ombro
De um filho com síndrome de down

Em frente ao edifício Roma,
No coração *finesse* da Aldeota,
Um jumento espera inquieto
A volta de seu dono
Que foi tomar uma sopinha com pão
Com o dinheiro das migalhas que catou.

E eu fiquei tão emocionado
Que não consegui escrever mais nada.²⁶

A leitura do poema é auxiliada pelo conhecimento da circunstância que presidiu sua composição. Relata Miró que estava em Aldeota, um bairro de classe média de Fortaleza, quando viu uma senhora com um menino com síndrome de *Down*. O poeta decide que irá escrever um poema sobre aquela cena, mas surge um catador de lixo numa carroça com um jumento e pára para tomar uma sopa num restaurante popular. Ele amarra o seu animal, que o espera terminar sua refeição. Miró afirma

²⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=hLYmg2SkPm8&t=56s>

que o catador e o jumento pareciam se comunicar com olhares. É um momento de epifania social.

O poema trata de conexões. Ele constrói uma cena onde as coisas – a tarde, o edifício, a cidade, a sopa e as migalhas –, as pessoas – a mãe, o filho, o catador – e o animal, apesar de pertencerem a realidades naturais e sociais distintas, estão conectados numa mesma e única realidade expressiva, a realidade do próprio poema. A mãe conectada ao filho pela mão sobre o ombro. O animal ao seu dono pela espera. O pano de fundo é formado por um bairro burguês, apesar da presença do catador e de seu companheiro, que noutra contexto não estariam ali, mas Miró institui uma cena onde todas as coisas encontram-se ligadas. Fora do poema, na vida presente, tais elementos até poderiam estar justapostos, mas permaneceriam separados. Dentro da matriz semântica dos discursos autoritários, tais coisas sequer seriam enxergadas. A poesia se produz como uma reação à cena real observada pelo poeta. Dono de uma sensibilidade social aguçada, ele consegue se emocionar com o que vê e entende que isto que enxerga já é mais do que suficiente para provocar seu lirismo. Não apenas o eu que fala une-se aos objetos descritos, mas também o olhar do poeta costura as coisas numa representação íntegra e plena de sentido. Fora deste olhar, as coisas encontrar-se-iam fragmentadas e invisíveis.

4 CONCLUSÃO

A poesia de Miró parte sobretudo das experiências daqueles que mais sofrem as contradições e injustiças da vida urbana. O subtítulo do documentário produzido por Wilson Freire sobre o poeta – *Miró: Preto, Pobre, Poeta e Periférico*²⁷ – diz muito sobre o local de fala de onde parte o poeta recifense. Fazendo assim, ele rompe com o gerenciamento da visibilidade das minorias pretendida pelo discurso de extrema direita e devolve a condição de humanidade a essas pessoas. Ao se produzir a partir de uma visão empática e compreensiva do outro, a poesia de Miró enuncia um discurso de amor, oferecendo, assim, resistência ao ódio e ao autoritarismo. Voltando a Ortega Y Gasset, dizemos que se o ódio promove a separação e o esvaziamento de sentido, o amor promove conexões e compreensão. Atuando desta forma, ele torna o outro necessário, imprescindível às nossas vidas.

²⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=pncOPNB2qjc&t=20s>

“Há, por conseguinte, no amor, uma ampliação da individualidade que absorve outras coisas dentro desta, que as funde conosco” (ORTEGA Y GASSET 1967, p.37). A poesia para a resistência deve buscar essa ampliação da individualidade que nos fala o pensador espanhol. A resistência opõe sua força contra o amesquinamento da condição humana. Assim como o autoritarismo primeiro se instala na dimensão do imaginário por meio de dizeres e produtos aparentemente inocentes, a resistência também deve trabalhar no nível do simbólico; ela deve resistir ao sequestro das palavras e procurar preservar os sentidos para as coisas do mundo dentro de uma orientação ética e propositiva.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **Idéias em movimento**: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CARVALHO, Olavo de. **“Como cultor do sexo com cabritas, o Lula foi sem dúvida um precursor da "sociedade erótica" desejada pelo Haddad**. Ele só não foi perfeito porque se limitou ao sexo feminino, discriminando os bodes homossexuais.” 15 de outubro de 2018. Post do Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/como-cultor-do-sexo-com-cabritas-o-lula-foi-sem-d%C3%BAvida-um-precursor-da-sociedade/1146531158832290/> Acesso em 26 de novembro de 2018.

CONGRESSO EM FOCO. **Bolsonaro**: “quilombola não serve nem para procriar” [online]. Disponível na internet via <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/> Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

ESTADÃO CONTEÚDO. **General Mourão liga índio à “indolência” e negro à “malandragem”** [online]. Disponível na internet via <https://exame.abril.com.br/brasil/general-mourao-liga-indio-a-indolencia-e-negro-a-malandragem/> Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

FERNANDES, Marcella. **‘Homem não foi feito para atividades de casa’, diz presidente da bancada evangélica** [online]. Disponível na internet via https://www.huffpostbrasil.com/2017/06/16/homem-nao-foi-feito-para-atividades-de-casa-diz-presidente-da_a_22140743/ Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

FORUM. **Ato pró-Bolsonaro em Recife tem música que compara feministas a cadelas** [online]. Disponível na internet via <https://www.revistaforum.com.br/ato-pro-bolsonaro-em-recife-tem-musica-que-compara-feministas-a-cadelas/> Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010.

GAZETA ONLINE. **Eduardo Bolsonaro**: "Se for necessário prender 100 mil, qual o problema?" [online]. Disponível na internet via <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/politica/2018/11/eduardo-bolsonaro--se-for-necessario-prender-100-mil-qual-o-problema-1014155723.html>. Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

MACIEL, A., LAVOR, T., ROZA, G., RIBEIRO, J., LÁZARO JR., ZANATTA, G., **Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país** [online]. Disponível na internet via https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/11/politica/1539282750_803269.html. Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **A gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Heloísa; GORTÁZAR, Naiara. **Bolsonaro a milhares em euforia**: "Vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos" [online]. Disponível na internet via https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/actualidad/1540162319_752998.html. Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República**: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto, 2016.

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas: Pontes editores, 2012.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Livraria Ibero-Americana, 1967.

ROMERO, Sílvio. **Compêndio de história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed., Universidade Federal de Sergipe, 2001.

ROSÁRIO, André Telles do. **Corpoeticidade**: Poeta Miró e sua literatura performática. 2007. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7722>. Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

ROSSI, Marina; OLIVEIRA, Regiane. **Fremdschämen, a constrangedora 'aula' sobre nazismo dos brasileiros aos alemães** [online]. Disponível na internet via https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html. Arquivo acessado em 26 de novembro de 2018.

SENRA, Ricardo. **'Ele soa como um de nós'**: ex-líder da Ku Klux Klan elogia Bolsonaro, mas critica proximidade com Israel [online]. Disponível na internet via <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/ele-soa-como-nos-ex-lider-da-ku-klux-klan->

elogia-bolsonaro-mas-critica-proximidade-com-israel,abbbd712aab704bdb1d5461c491529ec8p1ypmd7.html Arquivo acessado em 26 de novembro de 2018.

SOLANO, Ester; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação lava-jato e contra a reforma da previdência. *Em Debate (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 35-45, 2017. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf>.

TEMOTÉO, Antonio. **General Mourão cita “branqueamento da raça” ao falar que seu neto é bonito** [online]. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/06/mourao-cita-branqueamento-da-raca-ao-falar-que-seu-neto-e-bonito.htm> Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.